

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Lílian Zeferino Vieira da Fonseca

**AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
FORMAS E INSTRUMENTOS**

Belo Horizonte

2012

Lílian Zeferino Vieira da Fonseca

**Avaliação na Educação Infantil:  
Formas e Instrumentos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Sandro Coelho Costa

Belo Horizonte

2012

Lílian Zeferino Vieira da Fonseca

**Avaliação na Educação Infantil:  
Formas e Instrumentos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Sandro Coelho Costa

Aprovado em 07 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Sandro Coelho Costa – Faculdade de Educação da UFMG

---

Ademilson de Sousa Soares – Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

Partindo do princípio que a avaliação é fundamental no processo de desenvolvimento da criança na Educação Infantil e acreditando que este estudo é relevante na medida em que o tema ainda é controverso nessa etapa da educação, tivemos como objetivo dessa investigação, contribuir para uma melhor compreensão dos processos avaliativos na Educação Infantil, identificando a forma como esta é concebida e desenvolvida no Instituto Infantil São José e propondo novas formas e instrumentos de avaliação. Optou-se pela pesquisa qualitativa, feita por meio da pesquisa-ação e para compreender o contexto da instituição, utilizou-se das ferramentas metodológicas: questionário e grupo focal. Como referencial teórico, a pesquisa partiu da legislação sobre o tema e dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que consideram a observação, o registro e a avaliação formativa como principais instrumentos da prática educativa. Outra fonte de pesquisa foram os estudos realizados por autores como Hoffmann (2000), Barbosa e Horn (2008). Essas autoras teorizam a necessidade da avaliação para o acompanhamento do desenvolvimento da criança e a reflexão sobre os instrumentos avaliativos utilizados para este registro. Este estudo procurou identificar a forma como as educadoras avaliam as crianças e os instrumentos utilizados por essas, considerando que a partir dessa análise foi possível a reflexão e sistematização dos registros avaliativos da instituição, partindo da observação e da utilização de diversos tipos de instrumentos para a avaliação, propiciando a construção de um olhar global sobre o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Palavras-Chave: avaliação, Educação Infantil, observação, reflexão e registros.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1.1. Contextualização da Instituição e do Projeto.....</b>	<b>8</b>
<b>2. Políticas de Avaliação.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1. A Avaliação na Educação Infantil.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2. A Avaliação no Instituto Infantil São José.....</b>	<b>22</b>
<b>3. Possibilidades de Avaliação na Instituição.....</b>	<b>27</b>
<b>3.1. Apresentando a Proposta de Avaliação.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2. Projetos Desenvolvidos e Instrumentos Utilizados.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2.1. Conto e Reconto.....</b>	<b>28</b>
<b>3.2.2. Gentileza Gera Gentileza.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2.3. Brincar de Ler.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2.4. Pinturas e Pintores.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2.5. África: Minha Cor, Meu Valor.....</b>	<b>31</b>
<b>3.3. Avaliando a Intervenção e seus Efeitos na Prática das Docentes.....</b>	<b>32</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Meu trabalho com a Educação Infantil iniciou-se em 2005 quando assumi o cargo de educadora infantil em uma turma de três anos na Unidade Municipal de Educação Infantil Aarão Reis, Regional Norte de Belo Horizonte. O fato de todas educadoras serem recém-concursadas, a instituição ainda para ser inaugurada e o cargo de educadora infantil ser novo na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, contribuíram para instigar em nós a busca pelo conhecimento acerca do trabalho pedagógico que seria desenvolvido nessa instituição.

Em 2006, trabalhei com as turmas do período integral (primeiro ciclo), onde tive a experiência de lidar com crianças de zero a dois anos e em 2007, assumi a turma de dois anos juntamente com outra educadora, onde permaneci também durante o ano de 2008.

Minha experiência com a Educação Infantil continuou quando participei do Curso Veredas – Normal Superior na Universidade Federal de Minas Gerais que incentivou a minha caminhada na educação, em busca de novos conhecimentos e capacitação para a prática educacional. Os conteúdos estudados e as discussões riquíssimas entre os colegas influenciaram minha experiência profissional, no sentido de realizar análises críticas da minha prática docente, consciente dos problemas, contradições e caminhos para superar as dificuldades.

Em 2009, fui convidada a compor a equipe pedagógica da Gerência Regional Norte de Educação, participando de um processo seletivo e sendo apta para a função. Desde então, venho fazendo o acompanhamento sistemático das instituições de Educação Infantil desta regional. Nas atividades por mim desempenhadas, espero contribuir para fazer da educação um espaço de construção do conhecimento e da cidadania. Tenho me esforçado em participar de forma mais ativa dessa construção, tendo como foco a criança, enfrentando os desafios, buscando conhecimentos novos, experimentando, praticando, estudando e crescendo tanto na vida profissional quanto pessoal.

Tenho procurado novos significados para o meu trabalho na educação e acredito que a prática mais comprometida, mais competente e mais reflexiva do que

fazemos dentro e fora da sala de aula, estabelece relações entre a teoria e a prática, contribuindo para nossa formação e conhecimento específico para o desenvolvimento do nosso trabalho enquanto educadores.

Partindo do princípio que a avaliação é fundamental no processo de desenvolvimento da criança na Educação Infantil, percebo a falta e/ou a superficialidade com relação às práticas avaliativas dentro das instituições, com base no acompanhamento pedagógico realizado durante este período. Em algumas instituições, ainda não há uma sistematização da avaliação e, quando há registros dessas práticas, esses assumem um caráter de avaliação do comportamento e não do desenvolvimento das crianças.

Acreditamos que a avaliação na Educação Infantil é ampla, global, integral e ocorre durante todo o processo, considerando que a elaboração de um diagnóstico é essencial para a construção, desenvolvimento de planejamentos e avaliação do trabalho como um todo, não sendo apenas a criança que deve ser avaliada.

A avaliação deve propiciar a construção de um olhar global sobre o desenvolvimento da criança e, dessa forma, a observação e a utilização de diversos tipos de registro devem fazer parte dos instrumentos utilizados para a avaliação na educação infantil.

Balizado por um referencial teórico sobre a avaliação na Educação Infantil, esse trabalho visa contribuir para uma melhor compreensão dos processos avaliativos na educação infantil, identificando a forma como esta é concebida e desenvolvida em uma das instituições da regional onde trabalho, analisando as propostas e os instrumentos utilizados para a avaliação; propondo novas formas e instrumentos de avaliação e refletindo com a instituição sobre os processos de avaliação.

Essa proposta é relevante na medida em que o tema ainda é controverso na Educação Infantil, pois nesta etapa da educação, não temos a avaliação como condição para a progressão da criança, o que ainda é considerado objetivo geral da avaliação em nossa sociedade. Percebemos também que esta ainda é uma área a ser estudada e pesquisada, visto que a bibliografia existente não é suficiente para o aprofundamento do tema, principalmente com relação à prática pedagógica.

O plano de redação foi composto por quatro capítulos. Apresentamos a seguir uma breve contextualização da instituição pesquisada e do projeto desenvolvido (objetivos, justificativa, metodologia). No segundo capítulo, abordamos as políticas

de avaliação (na Educação Infantil como um todo e na instituição pesquisada). O terceiro capítulo ocupa-se das possibilidades de avaliação na instituição pesquisada onde apresentaremos os projetos de cada educadora, a proposta de avaliação e o grupo focal realizado. No último capítulo apresentamos nossas considerações com base no trabalho desenvolvido.

### **1.1.Contextualização da Instituição e do Projeto**

O Instituto Infantil São José integra a rede conveniada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e tem como mantenedor o Centro Social e Educacional Companhia de Maria. Está localizado no bairro São Bernardo e possui uma área de 690m<sup>2</sup>, sendo 70% da área construída, contendo cinco salas de aula, brinquedoteca, sala de vídeo, cozinha, refeitório, pátio coberto, parquinho e horta. Tem nove banheiros distribuídos nos espaços para atendimento das crianças, além de um salão para reuniões e um espaço livre com brinquedos no andar superior.

Tem por finalidade atender às crianças de três anos a seis anos de famílias de baixa renda, não discriminando outras classes sociais. Além do Bairro São Bernardo, onde está localizado, são atendidas também crianças dos bairros adjacentes: São Tomaz, Heliópolis, Vila Aeroporto, Vila São Pedro, Júlio Maria, Itapoã e Planalto.

Atualmente, atende cento e setenta crianças em horário parcial e, segundo o acompanhamento pedagógico realizado na instituição durante o triênio 2009/2010/2011, percebemos que a instituição vem realizando esforços no sentido de proporcionar experiências educacionais que levem em conta o desenvolvimento integral da criança, realizando seu atendimento de acordo com a legislação vigente e com as diretrizes apontadas pela Rede Municipal de Educação.

De acordo com o projeto político pedagógico da instituição, o atendimento realizado visa contribuir para o desenvolvimento integral nos seguintes aspectos: físicos, emocional, afetivo, cognitivo, linguístico, social e nutricional. Oferecendo alimentação, cuidando da higiene e saúde, desenvolvendo atividades lúdicas, espirituais e culturais, recreativas e pedagógicas, completando a ação da família e da comunidade. Tem como prioridade oferecer à criança um espaço onde ela seja tratada com respeito, carinho e dedicação.

Seu quadro de pessoal é composto por dez funcionárias tendo uma equipe

pedagógica formada por quatro educadoras de referência, uma educadora de apoio e uma coordenadora. O grupo de educadoras tem idade entre 36 a 45 anos, com formação em magistério (nível médio) e tempo de docência de 5 a 10 anos.

O trabalho junto à instituição busca a efetiva atuação desta equipe na qualidade do atendimento a educação infantil e a mesma se demonstra receptiva, atendendo as solicitações e orientações realizadas durante o acompanhamento. Em 2011 foram apontadas algumas intervenções na área pedagógica, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e ao registro de projetos, bem como nos instrumentos utilizados para a avaliação, visto que tal prática não era realizada de maneira efetiva pela equipe.

A partir da análise do trabalho pedagógico desenvolvido, percebemos algumas dificuldades no que diz respeito ao planejamento e a rotina estabelecida pela instituição. As educadoras tinham como foco um quadro de horários para a utilização dos espaços da instituição e o desenvolvimento das atividades era feita de forma isolada, ficando o planejamento pedagógico em segundo plano, além de tal planejamento, em sua maior parte ser focado em datas comemorativas. Podemos dizer que muitas ações não tinham intencionalidade, sendo realizadas aleatoriamente. Dessa forma, não foi possível perceber a sistematização dos instrumentos e registros de avaliação, apesar de recentemente a instituição ter estabelecido a utilização de relatórios individuais semestrais, de acordo com as orientações do acompanhamento.

Assim, identificamos como problema de pesquisa e, conseqüentemente como projeto de intervenção, a forma como as educadoras avaliam as crianças e os instrumentos utilizados por essas no que diz respeito à avaliação, considerando que a partir desse estudo e análise seja possível a reflexão e sistematização dos registros avaliativos da instituição, partindo da observação e da utilização de diversos tipos de instrumentos para a avaliação, propiciando a construção de um olhar global sobre o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.

Iniciamos a intervenção com a sensibilização e Livre Consentimento da coordenação e direção da instituição para o desenvolvimento do plano de ação junto às educadoras. A partir dessa sensibilização, foi feito um levantamento dos dados existentes sobre avaliação na instituição e constatamos que havia um processo avaliativo mais fragmentado, individualizado e por isso menos sistematizado na mesma. Traçamos alguns passos junto à coordenação no sentido de tal estudo e

pesquisa contribuir tanto para o projeto de pesquisa quanto para o trabalho pedagógico da instituição.

Após o levantamento dos dados referentes à avaliação na instituição, realizamos um encontro com a equipe para a apresentação da proposta elaborada junto à coordenação. Nosso trabalho seria pautado no desenvolvimento de um projeto específico de cada educadora com a sua turma durante o trimestre outubro/novembro/dezembro, sendo o mesmo registrado e avaliado junto com as crianças. A ideia era que cada educadora utilizasse ao menos um instrumento de avaliação e registro no desenvolvimento do projeto.

Com a aprovação e Livre Consentimento de toda equipe, realizamos uma pesquisa com as educadoras quanto à concepção sobre avaliação através da aplicação de um questionário com pré-teste realizado junto à coordenação.

Discutimos a avaliação na Educação Infantil com a equipe e apresentamos os instrumentos mais utilizados, pedindo para cada educadora analisar e selecionar um destes instrumentos no desenvolvimento do seu projeto. Na sequência, houve uma reunião com cada educadora para estudo e aprofundamento do instrumento escolhido, no sentido de apropriação e construção do mesmo com as crianças. Tal trabalho foi acompanhado durante o desenvolvimento dos projetos e realizamos ao final de todas as ações da intervenção um grupo focal para o relato e troca de experiências de cada educadora.

Depois do grupo focal foram realizadas reuniões com as famílias para a apresentação e socialização dos instrumentos utilizados, mas tal ação não foi possível de ser acompanhada devido ao tempo.

## **2. Políticas de Avaliação**

O tema da avaliação é por demais complexo, justamente, porque é diretamente dependente da observação das crianças em sua exploração permanente do mundo e da aproximação dos educadores com a realidade sócio-cultural dessas crianças, à luz de suas próprias representações, teorias e sentimentos. Não se trata de um “diagnóstico” de capacidades, mas uma apreciação da variedade de ideias e estratégias de ação que as crianças apresentam para mediar ações educativas que favoreçam o desenvolvimento. (HOFFMANN, 2000, p.18)

Consideramos a avaliação como um conjunto de práticas formais e informais presentes em todos os momentos da vida e, em nossa prática, percebemos que ela ainda é vista como um tema controverso, que exige muita pesquisa e reflexão por parte dos educadores e especialistas, principalmente na Educação Infantil, onde encontramos poucos estudos relacionados ao tema.

Apresentaremos uma visão global da avaliação na Educação Infantil, refletindo sobre as finalidades e as características da avaliação nesta etapa da educação a partir da legislação e do levantamento bibliográfico realizado. Logo após, trataremos do tema na instituição pesquisada através da documentação e dos instrumentos utilizados na pesquisa.

### **2.1.A Avaliação na Educação Infantil**

O *status* colocado legalmente para a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica é um reconhecimento social que reflete uma concepção de que educação começa nos primeiros anos de vida. Isto representa um marco histórico de para a educação infantil brasileira, pois após essa colocação legal a educação das crianças até os seis anos é vista, assim como o ensino fundamental, como um direito público subjetivo assegurado na Constituição Federal (CF/88), reafirmado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/90) e traduzido em diretrizes e normas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) e com a Emenda Constitucional 59/2009 que torna obrigatória a frequência à pré-escola (a partir de quatro anos).

De acordo com a LDB/96, na Seção II (Da Educação Infantil), do capítulo II

(Da Educação Básica):

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade. Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental. (BRASIL, Lei 9394/96)

Tomando como base tais artigos, destacamos a necessidade da educação infantil promover o desenvolvimento da criança em todos os seus aspectos, de forma integral, tornando imprescindível a indissociabilidade do cuidar e educar; a articulação da família e da comunidade, envolvendo a busca constante do diálogo entre estas instâncias; a concepção da avaliação como aprimoramento da ação educativa, o que exige do educador habilidades de observação e de registro do desenvolvimento da criança, refletindo permanentemente sobre sua prática, tendo como objetivo não a promoção, mas a ampliação das experiências e dos conhecimentos da criança.

Encontramos texto semelhante no artigo 10 da Resolução CME/BH 01/00, que fixa as normas para a educação infantil no Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte, onde consta que a avaliação deve se realizar mediante acompanhamento e registro, tendo os objetivos estabelecidos para essa etapa da educação como referência, além de garantir a formação ininterrupta e continuada da criança sem seleção e/ou promoção da mesma.

Também na Resolução 05/09 do Conselho Nacional de Educação que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, temos:

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: I - a observação crítica e criativa das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano; II - utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.); III - a continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental); IV - documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na

Chamamos a atenção para um ponto relevante que é convergente nos três documentos legais apresentados é a desconstrução da avaliação com o objetivo de seleção e/ou classificação (certo/errado, bom/ruim). O levantamento bibliográfico realizado indica que a Educação Infantil vem sofrendo influência das práticas de avaliação que ocorrem no Ensino Fundamental, podendo dessa forma antecipar a seleção e exclusão presentes nessa etapa, julgando, comparando e classificando as crianças.

Hoffmann (2000) aponta a existência de práticas avaliativas e classificatórias em creches e pré-escolas. Segundo a pesquisadora

o modelo de avaliação classificatória se faz presente nas instituições de educação infantil quando, para elas, avaliar é registrar ao final de um semestre (periodicidade mais frequente na pré-escola) os “comportamentos que a criança apresentou”, utilizando-se, para isso, de listagens uniformes de comportamentos a serem classificados a partir de escalas comparativas tais como: atingiu, atingiu parcialmente, não atingiu; muitas vezes, poucas vezes, não apresentou; muito bom, bom, fraco e; outras. (HOFFMANN, 2000, p.12)

Quando falamos de avaliação na Educação Infantil, precisamos repensar as posturas e práticas para que possamos definir melhor nossos objetivos e ações. Uma discussão que antecede a polêmica avaliação é problematizar os currículos que as instituições têm ofertado às crianças. Será que o currículo dialoga com as especificidades de desenvolvimento aprendizagem das crianças pequenas? Corroboramos com a ideia de que a avaliação deve ser realizada de forma processual, através da observação e do registro das experiências, reações e avanços para que seja possível uma sistematização do trabalho cotidiano da educadora e da criança.

Hoffmann (2000) diz que

a avaliação em educação infantil precisa resgatar urgentemente o sentido essencial de acompanhamento do desenvolvimento e de reflexão permanente sobre as crianças em seu cotidiano, como elo na continuidade da ação pedagógica. (HOFFMANN, 2000, p.48)

De acordo com esta autora, a questão da avaliação insere-se na discussão histórica acerca de uma concepção assistencialista ou educativa para o atendimento às crianças de zero a seis anos.

Sem dúvida, a avaliação em educação infantil origina-se de fatores sócio-culturais próprios e passa a exigir, nessa década de expansão de políticas públicas para o atendimento educacional às crianças de zero a seis anos, uma séria reflexão a respeito dos seus pressupostos fundamentais. E, principalmente exige a investigação dos reflexos sofridos do modelo de controle vigente no ensino regular que, atrelado à finalidade de controle das famílias sobre a eficiência da instituição, acaba por comprometer seriamente o significado dessa prática em benefício ao processo educativo. (HOFFMANN, 2000, p.9)

Hoffmann (2000) ainda afirma que em muitas instituições, a prática avaliativa se reduz ao preenchimento de fichas de comportamento ou a elaboração de pareceres descritivos padronizados ao final de determinados períodos e, dessa forma, o cotidiano da criança não considerado, assim como também não é considerada a postura pedagógica do educador.

Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999), a avaliação que se faz na Educação Infantil pode ter consequências e influências decisivas no processo de aprendizagem e de crescimento das crianças.

Tudo parece confirmar que, quanto mais positiva for à imagem que formamos de um aluno, mais tendência teremos a avaliá-lo positivamente e a animá-lo ou o inverso. Por isso, é preciso ter muito cuidado para não fazer juízos ou avaliações precipitadas (especialmente as negativas...), sobretudo na idade em que as crianças começam um processo de desenvolvimento tão impressionante e sobre o qual a escola tem a responsabilidade de incidir de maneira positiva, sem rotular ou fechar, aproveitando todas as possibilidades de mudança que esteja ao seu alcance. (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p.173).

Para essas autoras, a avaliação na Educação Infantil serve para intervir, tomar decisões, observar a evolução e o progresso da criança e para planejar a intervenção ou modificação de situações, relações ou atividades.

As atividades diárias, a rotina, os comportamentos, os relacionamentos, as características de cada criança e de cada turma devem ser considerados para que seja possível diagnosticar o trabalho e assim, indicar novos objetivos, experiências e aprendizagem, facilitando a elaboração/re-elaboração do planejamento e o conhecimento da criança.

Nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, existe a indicação de que a avaliação seja realizada de forma processual e utilizada para auxiliar o processo de aprendizagem, fortalecendo a autoestima das crianças.

Neste documento, a avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo. No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, o professor deve compartilhar com elas aquelas observações que sinalizam seus avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades. (BRASIL, RCNEI 1998, vol.1, p.59-60)

De acordo com este documento, a avaliação é um instrumento eficiente para que a instituição estabeleça suas prioridades para o trabalho educativo, identificando os pontos que necessitam de mais atenção e reorientando a prática.

Segundo Hoffmann (2000), quando compreende a criança, o educador redimensiona o seu fazer a partir do mundo infantil descoberto e re-significado, buscando o entendimento do processo de desenvolvimento da criança e o embasamento à ação educativa através de um fazer reflexivo.

Assim, a prática de avaliação se torna investigativa e mediadora, ao invés de sentenciosa e constatativa, “porque é a dimensão da interação adulto/criança que justifica a avaliação em educação infantil e não a certeza, os julgamentos, as afirmações inquestionáveis sobre o que ela é ou não capaz de fazer”. (p.15)

Hoffmann (2000) afirma que

Acompanhar a criança em seu desenvolvimento exige um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sócio-cultural e manifestações decorrentes do caráter evolutivo do seu pensamento. Significa respeitá-la em sua individualidade e em suas sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento em todas as áreas. Natural, portanto, que o panorama da avaliação, em educação infantil, expresse um cenário de muitas interrogações e indefinições quanto a uma concepção dessa prática, uma vez que encerra análises e reflexões referentes ao próprio significado da educação infantil, à representação de criança, e aos caminhos a serem trilhados para um efetivo trabalho pedagógico. (HOFFMANN, 2000, p.7)

A autora coloca que já houve muitos avanços nesse sentido e podemos dizer que estes se revelam indícios de um fazer intencional e reflexivo de muitos educadores, mas, de uma forma geral, ainda se faz necessário a construção de concepções claras a respeito da avaliação para que essa possa expressar a essência pedagógica na Educação Infantil.

Hoffman (2000) afirma ser urgente analisar o significado da avaliação no contexto próprio da educação infantil, resgatando os seus pressupostos básicos, principalmente porque nessa fase, a avaliação não se constitui numa obrigatoriedade do sistema oficial de ensino.

É preciso, portanto, re-significar a avaliação em educação infantil como acompanhamento e oportunização ao desenvolvimento máximo possível de cada criança, assegurando alguns privilégios próprios dessa instancia educativa, tais como o não-atrelamento ao controle burocrático do sistema oficial de ensino em termos de avaliação, e a autonomia em relação à estrutura curricular. (HOFFMANN, 2000, p.14)

Para a autora, a ação avaliativa é a mediação entre a criança, sua realidade e o espaço institucional, onde está inserido o educador com suas impressões de mundo, suas concepções a respeito das crianças e seu entendimento do papel da Educação Infantil.

Então, quando avaliamos precisamos compreender a criança, analisando o seu desenvolvimento e os processos evolutivos de seu pensamento. Tal ação exige estudo e postura investigativa por parte dos educadores.

De acordo com Hoffmann (2000), formar educadores é mais do que lhes sugerir ou supervisionar o trabalho realizado junto às crianças. Devemos “oferecer-lhes espaço de reflexão e troca de experiências e suscitar-lhes autonomia e iniciativa, principalmente no que se refere à avaliação” (p.18).

A autora coloca que uma ação avaliativa mediadora só poderá acontecer a partir da compreensão do educador de todas as possibilidades inerentes ao desenvolvimento de uma simples atividade com as crianças o que torna indissociáveis as reflexões sobre propostas pedagógicas e avaliação.

A compreensão das áreas a serem trabalhadas e dos objetivos a serem alcançados, através das atividades e projetos, amplia o olhar do educador sobre a ação da criança e fundamenta os desafios a lhe serem feitos, sob a forma de novas perguntas, materiais, situações de aprendizagem. O espaço pedagógico é, dessa forma, um espaço construído reflexivamente pelo professor, por suas premissas teóricas e na relação com as crianças. (HOFFMANN, 2000, p.46)

Hoffmann (2000) afirma que há muitas dificuldades e resistências entre os educadores na elaboração de relatórios de avaliação porque tal ação exige estudo, tempo e muita observação das crianças. Mas, ela coloca que a maioria das instituições aponta, como resultado importante desse processo, exatamente a maior

compreensão das crianças pelos educadores.

Vemos que a avaliação é presente no dia-a-dia da instituição, à medida que o educador analisa as atitudes das crianças, pensando em como trabalhar as atividades. Dessa forma, a avaliação acontece antes do trabalho com as crianças, porque o educador se prepara, escolhe histórias, planeja jogos e atividades prevendo as possibilidades e reações das crianças.

A avaliação, enquanto mediação, insere-se no processo educativo como um instrumento de reflexão, que auxilie o professor a tomar consciência das mudanças a operar em sua ação, a comprovar e/ou refutar suas hipóteses sobre os processos vividos pelas crianças. Percebe-se no dia-a-dia do professor de educação infantil, o risco das rotinas repetitivas, das ações improvisadas e/ou não refletidas em termos do seu significado educativo para as crianças. (HOFFMANN, 2000, p.81)

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil,

A observação das formas de expressão das crianças, de suas capacidades de concentração e envolvimento nas atividades, de satisfação com sua própria produção e com suas pequenas conquistas é um instrumento de acompanhamento do trabalho que poderá ajudar na avaliação e no replanejamento da ação educativa. (BRASIL, RCNEI 1998, vol.2, p.65)

Este documento nos indica que o objeto da avaliação são as situações de aprendizagem que foram oferecidas as crianças e não elas. “Isso significa dizer que a expectativa em relação à aprendizagem da criança deve estar sempre vinculada às oportunidades e experiências que foram oferecidas a ela” (p.66).

Segundo este mesmo documento,

As situações de avaliação devem se dar em atividades contextualizadas para que se possa observar a evolução das crianças. É possível aproveitar as inúmeras ocasiões em que as crianças falam, lêem e escrevem para se fazer um acompanhamento de seu progresso. A observação é o principal instrumento para que o professor possa avaliar o processo de construção da linguagem pelas crianças. (BRASIL, RCNEI 1998, vol.3, p.157)

Vemos que é fundamental que os parâmetros de avaliação tenham estreita relação com as situações pedagógicas propostas às crianças.

O trabalho de reflexão do professor se faz pela observação e pelo registro. O registro é entendido aqui como fonte de informação valiosa sobre as crianças, em seu processo de aprender, e sobre o professor, em seu processo de ensinar. O registro é o acervo de conhecimentos do professor, que lhe possibilita recuperar a história do que foi vivido, tanto quanto lhe

possibilita avaliá-la propondo novos encaminhamentos. (BRASIL, RCNEI 1998, vol.3, p.203)

Para darmos espaço à variada expressão infantil, podemos utilizar como instrumentos de registro de desenvolvimento das crianças: arquivos contendo planos e materiais referentes aos temas trabalhados, relatórios das crianças e portfólios.

Estes registros devem contemplar os acontecimentos, as conquistas e/ou mudanças da turma; os dados e as situações sobre o trabalho realizado e as interpretações sobre as próprias atitudes e sentimentos.

O registro, a nosso ver, é uma “fotografia” do desenvolvimento da criança e da turma, indicando demandas, objetivos e atividades para a realização de um trabalho pedagógico de qualidade, além de ser uma construção da memória do percurso de cada criança. Nesse sentido ele se torna um elemento indispensável para um processo educativo de qualidade cujo o foco seja o desenvolvimento integral das crianças, e é descrito por Souza (2005) como conjunto de ações que tem como função a observação e o acompanhamento para orientar e redirecionar o processo pedagógico como um todo.

De acordo com o Parecer 20/09 do Conselho Nacional de Educação/CEB, as instituições de Educação Infantil são responsáveis por criar procedimentos para avaliação do trabalho pedagógico e das conquistas das crianças. Essa avaliação

deve incidir sobre todo o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades. (BRASIL, Parecer 20/09)

Segundo este mesmo documento, o conhecimento das preferências, a forma de participação e as narrativas das crianças podem ajudar a reorganização das atividades de maneira mais adequada ao alcance dos propósitos infantis. É importante que a documentação dessas observações e outros dados sobre a criança a acompanhem ao longo de sua trajetória da Educação Infantil e também no Ensino Fundamental para garantir a continuidade dos processos educativos vividos.

Por conseguinte, não existe instrumento de avaliação capaz, por si só, de detectar a totalidade do processo de conhecimento de uma criança. Por isso, faz-se necessário pensar em instrumentos diversificados e possíveis de atender às

especificidades do desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

Assim, é aconselhável que o educador tenha uma postura dialógica diante dos instrumentos avaliativos que são inseridos na Educação Infantil, para que os resultados da utilização desses possibilitem a construção do conhecimento e do desenvolvimento das crianças de forma integral.

Barbosa e Horn (2008) colocam que tem sido utilizada a expressão *documentação pedagógica* para registrar e problematizar a forma de acompanhamento e potencialização do desenvolvimento de um trabalho pedagógico e as aprendizagens das crianças.

Ao documentar pedagogicamente o dia a dia na escola, vão sendo criados elementos de memória, recuperação de episódios e de acontecimentos. Nesse processo, os adultos (educadores, pais e administradores) e as crianças vão construindo a historicidade, vivenciando processos coletivos e, ao mesmo tempo, preservando a singularidade e os percursos individuais. (BARBOSA e HORN, 2008, p.94)

Assim, acreditamos que esta documentação permite que a instituição sensibilize a participação e o envolvimento das famílias nos projetos realizados, acompanhando efetivamente o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças.

Segundo Barbosa e Horn (2008), o principal objetivo da documentação é a compreensão do que ocorre no trabalho pedagógico e o modo como somos professores: o que pensamos e valorizamos das crianças e suas produções, ao mesmo tempo em que criamos um espaço concreto para conversarmos com elas e suas famílias. Assim, o trabalho torna-se visível e acessível para o debate, sendo construído um espaço de interlocução com as famílias sobre a criança, seu desenvolvimento e suas aprendizagens.

Então, devemos elaborar

uma avaliação apropriada, autêntica, significativa e dinâmica, baseada no contexto de um grupo de crianças e na experiência real de cada criança particularmente. (...) Nessa dimensão, cada sujeito tem um percurso pessoal, e o acompanhamento das aprendizagens é a única forma de valorizarmos não apenas o resultado, mas todo o processo de aprendizagem. (BARBOSA e HORN, 2008, p.100)

As autoras colocam que o grande desafio é propor situações de aprendizagem que também sejam avaliativas, utilizando como estratégias a observação, documentação, reflexão e compreensão para o acompanhamento da

trajetória das crianças, assim como a qualificação da prática pedagógica.

Para que isso seja possível, precisamos conhecer e utilizar vários tipos de registro. Acreditamos que os mais interessantes são aqueles que se referem às discussões críticas da turma, apresentam observações sobre o processo, reproduzem frases das crianças e reúnem atividades realizadas. Relatórios que contemplem o dia-a-dia da criança e do professor que possibilitem acompanhar a história de vida da criança na instituição de forma a representar as ações educativas realizadas.

Hoffmann (2000) nos diz que os registros de avaliação são significativos quando procuram documentar e ilustrar a história da criança no espaço pedagógico, bem como sua interação com os vários objetos do conhecimento, sua convivência com os adultos e outras crianças que interagem com ela.

o processo avaliativo no dia-a-dia da creche e da pré-escola, assim como os registros de avaliação, ao longo de um período de trabalho e ao final deste, serão coerentes aos princípios apontados enquanto respeitarem a própria dinâmica da construção do conhecimento, no sentido de projetar-se no futuro, ao invés de simplesmente constatar e/ou apontar etapas percorridas. Um relatório de avaliação delinea um processo percorrido pela criança em sua permanente tentativa de superação, de novas tentativas e conquistas. (HOFFMANN, 2000, p.52)

Para Barbosa e Horn (2008), são vários os instrumentos que podemos utilizar para construirmos uma documentação pedagógica consistente e qualificada. Elas descrevem uma série de instrumentos de acompanhamento que os educadores podem utilizar para o desenvolvimento do processo de documentação tais como: diário de campo, anedotários, diário de aula, livro da memória do grupo, planilhas, entrevistas, debates, relatórios, coleta de amostras de trabalho, fotografias, gravações, depoimentos e comentários.

As autoras comentam que para os registros terem sentido, é necessário a seleção, o planejamento do uso e a organização destes sob a forma de portfólios, dossiês ou arquivos biográficos.

Segundo Souza (2005) o dossiê, o portfólio e as atividades escritas são instrumentos para serem utilizados pelas crianças e educadores de acordo com a forma de sistematização das atividades propostas pelos projetos, contribuindo nos registros sobre o desenvolvimento das crianças, buscando sempre melhores condições pedagógicas de planejamento para a ampliação das experiências de aprendizagem para todos envolvidos.

Já as fichas de registros e relatórios, de acordo com a mesma autora, são fundamentais ao trabalho pedagógico e, para serem efetivamente utilizados, necessitam do compromisso do educador com a prática de anotações diárias sobre o trabalho realizado, o desenvolvimento das crianças, as dúvidas, as dificuldades e as conquistas.

Acreditamos que é fundamental o registro do acompanhamento para que seja possível a verificação dos avanços e as dificuldades encontradas, ou seja, o processo de construção do conhecimento da criança. Não basta apenas selecionar e organizar os materiais em portfólios, dossiês ou arquivos. Eles só terão sentido se forem analisados, interpretados e contextualizados.

Quando utilizamos esse tipo de documentação há uma modificação na forma de comunicar os resultados. Incluímos as crianças e os pais no processo, fazendo com que estes participem e acompanhem a construção e organização do registro. A comunicação das aprendizagens é realizada através de exposições, encontros e apresentações.

Dessa forma, existe uma sintonia maior entre o trabalho pedagógico e a avaliação, pois há uma reflexão permanente sobre as ações e pensamentos das crianças, o que torna o trabalho pedagógico mais flexível e produtivo.

Para Hoffmann (2000), o acompanhamento permanente da ação da criança e da evolução do seu pensamento, no sentido de mediar à ação, favorece desafios, tempo, espaço e segurança nas experiências. Temos assim, uma visão do desenvolvimento global da criança, sendo os diferentes aspectos do desenvolvimento indissociáveis.

O planejamento desenvolvido através de projetos pedagógicos, em educação infantil, tem por fundamento uma aprendizagem significativa para as crianças. Eles podem se originar de brincadeiras, da leitura de livros infantis, de eventos culturais, de áreas temáticas trabalhadas, de necessidades observadas quanto ao desenvolvimento infantil. Vários projetos podem se desenvolver ao mesmo tempo, de tal forma que se dê a articulação entre o conhecimento científico e a realidade espontânea da criança, promovendo a cooperação e a interdisciplinariedade num contexto de jogo, trabalho e lazer. Busca-se, assim, o encadeamento das atividades e o aprofundamento nos assuntos explorados a partir da observação das necessidades e possibilidades das crianças em termos de desenvolvimento e da continuidade do seu interesse nos projetos. (HOFFMANN, 2000, p.43)

A autora indica três pressupostos básicos de uma proposta de avaliação mediadora: I) uma proposta pedagógica que leve em conta a diversidade de

interesses e possibilidades de exploração do mundo pela criança, respeitando sua identidade sócio-cultural e proporcionando um ambiente interativo, rico em materiais e situações; II) um professor investigador do mundo da criança, mediador de suas conquistas, apoiando, acompanhando e favorecendo novos desafios; III) um processo avaliativo permanente de observação, registro e reflexão da ação e do pensamento das crianças, de suas diferenças culturais e de desenvolvimento.

Hoffmann (2000) afirma que a observação, a reflexão teórica e a intervenção pedagógica são ações avaliativas que, articuladas, configuram os relatórios de avaliação. Dessa forma,

Ao objetivar através do relatório o seu entendimento sobre o processo vivido pela criança, o educador se reconhece como partícipe desse processo, co-responsável pela história construída por ela. Elaborar o relatório de acompanhamento da criança equivale, assim, ao educador, assumir conscientemente seu compromisso com ela, e abrir-se à colaboração da própria criança, dos pais e outros educadores no processo avaliativo. (HOFFMANN, 2000, p.65)

Hoffmann (2000) afirma que os relatórios alcançam o seu significado quando ultrapassam a função burocrática, expressando com objetividade e riqueza o processo vivido no processo educativo, tendo como fundamento o cotidiano da criança acompanhado pelo educador. Assim, são as próprias crianças na interação que estabelecem com o objeto de conhecimento e com o educador que precisam constituir o conteúdo de cada relatório.

## **2.2.A Avaliação no Instituto Infantil São José**

De acordo com o projeto político pedagógico e o regimento interno da instituição, esta tem como principal objetivo o atendimento a crianças de 3 (três) anos a 6 (seis) anos na Educação Infantil, contribuindo para o seu desenvolvimento integral, buscando ser um espaço onde a criança possa desenvolver o aspecto lúdico da vida, como parte de seu processo educativo, levando em consideração a sua individualidade, a partir da pluralidade, como possibilidade de resgatar e ampliar o seu universo cultural.

Quanto ao currículo, a instituição cita o art. 7º da Resolução CME/BH-01/2000, afirmando que a proposta pedagógica deve estar fundamentada numa concepção de criança como sujeito de direitos, ser social e histórico, participante

ativo no processo de construção de conhecimentos, assegurando os princípios éticos, políticos, estéticos e culturais, além do respeito à identidade pessoal das crianças, de suas famílias, dos educadores e da instituição.

Conforme os documentos analisados, os currículos da instituição se organizam por projetos e atividades metodológicas inserida em uma rotina que visam ao desenvolvimento das capacidades e habilidades de cada faixa etária. A metodologia aplicada utiliza recursos como atividades lúdico-educativas; experiências práticas e facilitadoras do aperfeiçoamento intelectual, moral e físico; criação de situações capazes de valorizar atitudes de responsabilidade, urbanidade, integração social, cooperação e solidariedade.

No que diz respeito à avaliação da Educação Infantil, a instituição considera as diretrizes do art. 10 da Resolução CME/BH – 01/2000, cuja avaliação deve realizar-se mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, tomando como referência os objetivos estabelecidos para essa etapa da educação, garantindo a formação ininterrupta e continuada da criança, sem o objetivo de seleção e/ou promoção, visto que a educação infantil não tem caráter reprobatório. A instituição ainda coloca que seu processo de avaliação levará em conta as especificidades da criança com deficiência.

No projeto político pedagógico do Instituto Infantil São José consta que o registro do desenvolvimento da criança será feito em duas vias sendo a primeira para a família e a segunda arquivada na pasta da criança. Cabe ressaltar que tal ação teve início em 2011, não ocorrendo anteriormente na instituição.

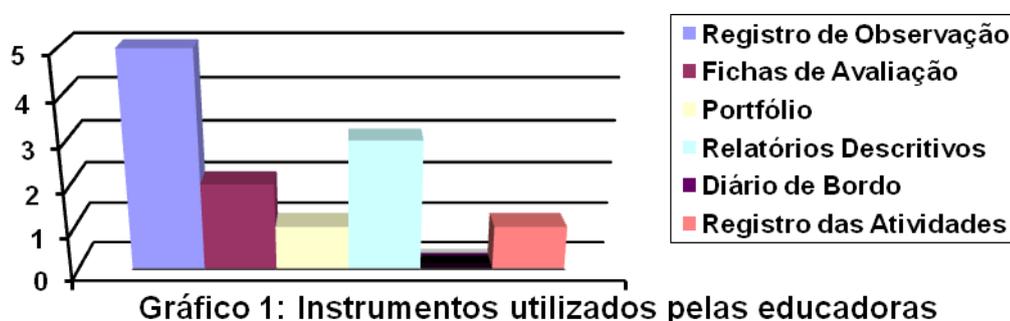
Analisando o regimento da instituição quanto às atribuições da coordenação e das educadoras relacionadas à avaliação vimos que cabe a coordenação, acompanhar a elaboração do planejamento e os relatórios mensais de frequência das crianças. Quanto às educadoras, é colocado como função das mesmas a avaliação do planejamento e o registro do desenvolvimento da criança, mas tal função não aparece no projeto político pedagógico da instituição, o que aponta a necessidade de revisão do mesmo, visto que este ponto deve ser abordado de forma mais específica.

No levantamento dos dados existentes no Instituto Infantil São José sobre avaliação, percebemos que a maioria das educadoras tem um caderno de planejamento, mas o mesmo funciona como uma agenda, sendo registrado apenas a rotina da turma. Não há registro de observação e avaliação das crianças ou das

atividades desenvolvidas. A maior parte das atividades é desenvolvida de forma isolada e os projetos existentes são repassados pela coordenação, tendo como foco as datas comemorativas. Apenas uma educadora apresentou um projeto específico de sua turma, mas não há registro do mesmo. Foi possível perceber algumas atividades diagnósticas, principalmente com relação à escrita.

De acordo com os dados coletados, no que diz respeito à avaliação, mais de 80% do grupo não tem nenhum tipo de formação específica sobre o tema, utilizando o registro de observação como instrumento avaliativo.

Algumas já utilizaram também fichas de avaliação, portfólio e relatório descritivo em outras instituições como podemos visualizar no gráfico abaixo:



Fonte: Questionário aplicado em Outubro de 2011

A partir de uma intervenção realizada em 2010 pelo acompanhamento pedagógico, as educadoras começaram a utilizar o relatório descritivo semestral em 2011, mas o mesmo parece ter sido considerado como registro de observação por algumas educadoras na pesquisa realizada, conforme analisado no gráfico acima. Tal fato foi importante para a condução do processo, pois sinalizou a falta de conhecimento e/ou entendimento de cada instrumento utilizado para avaliação, sendo tal ponto abordado e estudado durante a intervenção.

Com relação à periodicidade dos registros foi constatado que 50% do grupo de educadoras fazem registros de observação diariamente. Tal informação vem de encontro à dificuldade na construção do relatório descritivo, que acaba sendo registrado somente no final de cada semestre.

Apenas a educadora referência da turma tem participação na avaliação, sendo a família comunicada do processo pelo relatório semestral, quando comparece a reunião. Foi colocado que a participação da coordenação e da educadora de apoio acontece quando solicitada pela educadora referência (em

casos específicos). Percebemos também que a criança não participa do processo de avaliação.

A tabela seguinte mostra a importância dada pelas educadoras aos objetivos da avaliação apresentados:

**Tabela 1**  
**Nível de importância dos objetivos da avaliação**

Objetivos	Muito Importante	Pouco Importante	Importante
Verificar se a prática pedagógica utilizada é a adequada	50%		50%
Verificar como as crianças estão se desenvolvendo	100%		
Dar informação aos pais	80%		20%
Política institucional	60%		40%
Responder às necessidades individuais da criança	80%		20%
Necessidade de certificar a aprendizagem da criança em relação à proposta	80%		20%
Comparar o desenvolvimento das crianças da mesma faixa etária	40%	50%	10%
Estabelecer coerência entre o planejamento e o desenvolvimento da criança	80%		20%
Promoção da criança	80%	20%	
Enumerar pontos fracos e fortes	40%	10%	50%
Avaliar o comportamento das crianças	40%	10%	50%
Reflexão por parte do educador	100%		
Observação contínua e sistemática	80%		20%
Promover a aprendizagem sistemática da criança	60%		40%
Continuidade da prática pedagógica	60%		40%
Procedimento registrado ao longo do processo	60%		

Fonte: Questionário aplicado em Outubro de 2011

De acordo com os dados da tabela acima, verificamos que todo o grupo considera muito importante a verificação do desenvolvimento das crianças e a

reflexão do educador a respeito da avaliação. A maioria dos objetivos apresentados foi considerada importante ou muito importante. Somente quanto à comparação do desenvolvimento das crianças da mesma faixa etária 50% consideram como pouco importante. Acreditamos que tal fato tenha ocorrido pela diferença que há entre algumas turmas da mesma faixa etária na instituição e pelo medo da comparação entre as educadoras.

No que diz respeito à definição de avaliação, 100% do grupo concorda que ela deve ser um conjunto de critérios discutidos, claros e conhecidos por toda a equipe, sendo suporte necessário à intervenção e tendo seus procedimentos individualizados e específicos para cada criança. Foi apontada por 80% do grupo a avaliação como uma certificação da aprendizagem, sendo considerada centrada na observação por 60% das educadoras. Todas discordaram da avaliação como um procedimento padronizado e apenas uma educadora considera-a um instrumento do educador e da criança.

Analisando os dados coletados, percebemos que o grupo tem conhecimento prévio sobre a avaliação e sabe da importância da mesma na Educação Infantil, mas tal conhecimento precisa ser aprofundado e vivenciado na instituição. Percebemos que, na prática, tal conhecimento não é aplicado de forma satisfatória e acaba se perdendo ao longo do processo pela falta de registros significativos que sustentem o desenvolvimento do trabalho pedagógico.

Assim, apresentaremos a seguir a proposta realizada e executada na instituição durante este processo de intervenção, visando possibilidades de avaliação a partir das experiências vivenciadas.

### **3. Possibilidades de Avaliação na Instituição**

A partir do levantamento sobre a avaliação na instituição, realizamos um encontro com a equipe de educadoras para a apresentação da proposta elaborada junto à coordenação com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o tema e possibilitar novas formas de avaliação durante o último trimestre de 2011.

#### **3.1. Apresentando a Proposta de Avaliação**

Nosso trabalho foi pautado no desenvolvimento de um projeto específico de cada educadora com a sua turma durante o período de outubro a dezembro de 2011, sendo o mesmo registrado e avaliado junto às crianças, com a utilização de ao menos um instrumento de avaliação e registro do desenvolvimento do mesmo.

Apresentamos às educadoras, a concepção de avaliação na Educação Infantil e alguns instrumentos utilizados, além de refletirmos sobre o tema com as mesmas no dia a dia, buscando a compreensão delas no acompanhamento do desenvolvimento das crianças com as quais trabalham, no tipo de atividades que realizam com o objetivo de avaliar as crianças e de que forma este processo avaliativo pode ser registrado.

Após essa ação, houve uma reunião com cada educadora para apresentação do tema do projeto a ser desenvolvido, além do estudo e aprofundamento dos instrumentos utilizados, visando à apropriação e a construção do mesmo com as crianças.

#### **3.2. Projetos Desenvolvidos e Instrumentos Utilizados**

Como o Instituto Infantil São José atende em período parcial (manhã ou tarde), temos oito turmas para cinco educadoras, visto que as mesmas trabalham em horário integral.

Segue abaixo o quadro de educadoras/turmas da instituição:

<b>Educadoras</b>	<b>Manhã</b>	<b>Tarde</b>
<b>Ana Paula</b>	Primeiro Período (4 a 5 anos)	Apoio (3 a 6 anos)
<b>Elaine</b>	Maternal (3 a 4 anos)	Maternal (3 a 4 anos)
<b>Geraldina</b>	Segundo Período (5 a 6 anos)	Segundo Período (5 a 6 anos)
<b>Maria Cecília</b>	Apoio (3 a 6 anos)	Segundo Período (5 a 6 anos)
<b>Morgana</b>	Primeiro Período (4 a 5 anos)	Primeiro Período (4 a 5 anos)

Assim, foram desenvolvidos cinco projetos, sendo três destes realizados com as turmas da manhã e da tarde.

<b>Educadoras</b>	<b>Projetos</b>
<b>Ana Paula</b>	Conto e Reconto
<b>Elaine</b>	Gentileza Gera Gentileza
<b>Geraldina</b>	Brincar de Ler
<b>Maria Cecília</b>	Pinturas e Pintores
<b>Morgana</b>	África: Minha Cor, Meu Valor

### **3.2.1. Conto e Reconto**

A educadora Ana Paula conta que a ideia do projeto surgiu através da observação que realizou das crianças, percebendo a facilidade delas na interpretação e dramatização das histórias.

Resolvi trabalhar com histórias ouvidas por eles aqui na escola, desenvolvendo atividades ligadas a elas, proporcionando um ambiente imaginário e real através do qual elas pudessem se expressar, desenvolver em todas as linguagens e, principalmente, despertar o interesse das crianças pela leitura e ouvirem histórias. (Ana Paula, 2011)

Seu primeiro passo foi “atiçar a curiosidade, falar do que iria acontecer sem trazer nada a respeito”. A partir daí, começou o trabalho com a rodinha de conversa onde as crianças faziam perguntas sobre o projeto e ela ia respondendo, “sem desvendar o mistério”.

Inicialmente o projeto contemplaria três histórias: Dona Baratinha, Os Três Porquinhos, João e Maria. Mas, com o aprofundamento das histórias e o desenvolvimento das atividades, foi possível contemplar apenas as duas primeiras.

O projeto contemplou atividades como contação de histórias, utilização de

fantoches, confecção de um livro, além de pintura, desenho, música, colagem e recorte. A educadora também explorou a questão do dinheiro (Dona Baratinha) e da moradia (Os Três Porquinhos). Houve participação das famílias através de entrevistas e a confecção de um álbum da turma sobre o projeto.

Constatamos que a educadora utilizou como instrumentos de registro e avaliação: relatos das observações e acompanhamento das atividades, entrevistas com as famílias, fotos e portfólio da turma. Além desses instrumentos, ao final do semestre, foi elaborado um relatório descritivo para cada criança.

De acordo com a educadora, o processo “ajudou a ver a avaliação infantil com outro olhar. A importância de se fazer o registro diário para que não se perca nenhum fato importante, para o desenvolvimento tanto geral, da turma, quanto individual”.

### **3.2.2. Gentileza Gera Gentileza**

A educadora Elaine relata que pensou em um projeto onde gostaria de trabalhar os valores e comportamento das crianças, visando à valorização e o incentivo das relações. Ela teve como “inspiração” para o projeto a turma do período da tarde por considerá-la “muito agitada”.

Iniciamos com uma rodinha de bate papo sobre o tema. Distribui várias revistas, explicando quais as gravuras que íamos colocar no nosso mural. (...) Meu objetivo com essa atividade foi estimular a fala, a expressão corporal, a observação e o respeito com o próximo. (Elaine, 2011)

O objetivo do projeto era destacar para as crianças o cuidado, respeito e carinho com o outro. Trabalharam com uma história (Reginaldo, o pintinho curioso) e com cenas do cotidiano relacionadas ao tema. As turmas confeccionaram um mural, escolheram uma mascote para o projeto e realizaram uma semana solidária na instituição com o envolvimento de todas as turmas.

A educadora registrou as atividades em relatórios gerais sobre o projeto e também elaborou relatórios descritivos para cada criança. Segundo ela, o processo “contribuiu muito para o meu desenvolvimento tendo uma outra visão, um cuidado em estar observando as crianças nas suas atividades e no seu dia a dia.”.

### 3.2.3. Brincar de Ler

A educadora Geraldina conta que sua intenção inicial era trabalhar o tema Escola Nova: lugar de criança feliz com o objetivo de preparar as crianças de 5 a 6 anos para a realidade a ser vivenciada na escola (ensino fundamental). Mas, devido algumas dificuldades encontradas pela mesma quanto ao tempo, a materialidade e a disponibilidade das visitas nas escolas próximas da instituição, ela resolveu aprofundar uma atividade que já estava acontecendo em sala. O interesse, a participação e o envolvimento das crianças com a atividade de leitura fez com que a mesma desenvolvesse seu projeto com este tema.

O Projeto Brincar de Ler teve como objetivo o incentivo a leitura e o contato com os livros, tornando a leitura um ato prazeroso e possibilitando a integração dos pais com os filhos. Iniciamos com a montagem da nossa biblioteca, construída com a ajuda dos pais que nos enviaram livros como doação. (Geraldina, 2011)

O projeto se dividiu em três fases distintas:

- Brincar de Ler - cada criança escolhia um livro da biblioteca da sala e faziam a “leitura” e um registro do mesmo;
- Ciranda de livros (Casa) – uma criança levava para casa a pasta da ciranda (livro escolhido pela criança e uma folha de registro) para que a leitura e o registro fossem realizados com a família, sendo a história recontada depois pela criança na sala e o registro colado no livrão da turma;
- Ciranda de livros (Sala) – uma criança escolhia um livro que era lido pela educadora e depois recontado em grupo e registrado por cada criança.

Ao final do projeto foi realizado um Chá com a presença dos pais e o Amigo-Livro (um amigo oculto entre as crianças com os livros doados no início do projeto), além da entrega dos portfólios com as atividades desenvolvidas pelas crianças e a apresentação do livrão da turma.

Verificamos que a educadora utilizou como instrumentos de registro e avaliação: fotos, portfólio individual e portfólio da turma. Além desses instrumentos, ao final do semestre, ela também elaborou um relatório descritivo para cada criança.

De acordo com a educadora, “esse processo mudou o meu olhar que agora

se foca no interesse e desenvolvimento das crianças em todos os sentidos”.

#### **3.2.4. Pinturas e Pintores**

A educadora Maria Cecília relata que a ideia principal do projeto era trabalhar as formas de expressão, tendo como objetivo o conhecimento do outro e de si mesmo através da arte.

O primeiro passo para a realização deste projeto foi fazer memória dos trabalhos realizados neste período de tempo e o mais significativo foi a realização dos quadros bíblicos, onde conhecemos as histórias dos personagens e trabalhamos com materiais diferentes para darmos cores aos quadros. (Maria Cecília, 2011)

Ela percebeu que neste trabalho, as crianças se respeitavam e se ajudavam mais, então resolveu buscar alguns pintores que a ajudassem a ampliar essa relação de respeito. Foram escolhidos três artistas: Cândido Portinari, Tarsila do Amaral e Alfredo Volpi. Tal escolha foi realizada e justificada pela educadora por estes artistas retratarem um cotidiano de proximidade com o das crianças, além da possibilidade de despertar o gosto pela arte e ampliar o conhecimento do mundo através da cultura.

Durante o projeto, as crianças se envolveram com a vida dos artistas, desenvolveram várias atividades a partir de suas obras e, ao final do mesmo, realizaram um vernissage, onde apresentaram seus quadros e receberam o diário do projeto.

A educadora utilizou como instrumento de registro e avaliação: relatos das observações e acompanhamento das atividades, cd com as fotos e o diário do projeto. Além desses instrumentos, ao final do semestre, foi elaborado o relatório descritivo da criança.

#### **3.2.5. África: Minha Cor, Meu Valor**

De acordo com a educadora Morgana, a escolha desse tema teve como objetivo o reconhecimento e a importância da cultura negra. A educadora conta que, observando as crianças ao longo do ano, percebeu certa dificuldade e resistência das mesmas em lidar e se relacionar diante das diferenças raciais.

Senti a necessidade de abordar este tema, buscando não só atingir as crianças, mas também conscientizar as famílias. Encontrei na África um meio de buscar fatos históricos e culturais que reforçam e valorizam a imagem e a história dos negros. (Morgana, 2011)

O projeto teve início com a “descoberta da África”, lugar de origem dos negros que vieram para o Brasil e ajudaram a construir o nosso país e a nossa história. A questão do preconceito foi abordada através do filme A Princesa e o Sapo que traz uma princesa negra e pobre, ou seja, “fora do referencial de princesa loira e rica”.

As crianças confeccionaram máscaras, colares e pintura em panos, além de receberem a visita de uma africana que conversou sobre os costumes, as comidas e os tipos de roupas usadas em seu país (Burundi). O tema também foi trabalhado com histórias, capoeira, músicas e teve como fechamento uma celebração afro realizada pelas crianças juntamente com a entrega do portfólio desenvolvido com as crianças.

Constatamos que a educadora utilizou como instrumento de registro e avaliação: relatos das observações e acompanhamento das atividades, entrevistas com as crianças e com as famílias, cd com fotos e portfólio individual. Ao final do semestre, também foi elaborado um relatório descritivo para cada criança.

Esse processo contribuiu muito para minha prática pedagógica, pois a partir do momento em que conheci e entendi os diversos meios de avaliação na educação infantil, comecei a avaliar minhas crianças ao longo de todo o processo educativo, levando em consideração cada etapa de desenvolvimento da criança e avaliando a partir da capacidade de cada um. É importante esse olhar de avaliação na educação infantil para que possamos acompanhar a evolução das crianças em cada uma das linguagens. (Morgana, 2011)

### **3.3. Avaliando a Intervenção e seus Efeitos na Prática das Docentes**

Ao final do desenvolvimento dos projetos, realizamos um grupo focal com as educadoras com o objetivo de evidenciar as contribuições através do relato da experiência vivenciada. A finalidade deste grupo era obter informações sobre o que as educadoras pensaram durante a realização do processo, como pensaram e se expressaram a respeito do tema proposto.

Iniciamos o grupo com uma breve introdução sobre o tema e a apresentação dos projetos desenvolvidos.

Em alguns momentos me senti um pouco insegura, mas no decorrer do projeto fui me desenvolvendo e buscando meios para melhorar cada vez mais. Sei que poderia ter sido um pouco melhor, mas valeu a experiência e fica a vontade de crescer cada vez mais. (Elaine, 2011)

Ver o crescimento de alguns alunos foi muito gratificante. Ter saído da rotina ajudou na realização do processo pessoal de cada criança, pois ninguém queria ficar para trás. Agradeço a oportunidade do trabalho, pois o crescimento não foi só deles, mas foi meu também. (Maria Cecília, 2011)

Além da questão da avaliação e do registro, o trabalho com projetos específicos também foi uma experiência nova para as educadoras. Percebemos, através de seus relatos, a preocupação em detalhar o desenvolvimento do projeto, as atividades realizadas, os instrumentos e o envolvimento das crianças com os mesmos.

Estou surpreendida com as crianças no desenvolvimento do projeto. A alegria, o interesse pelas histórias e as atividades relacionadas com o reconto mostram como está sendo rico esse momento, como já conseguem se expressar, interagir e se envolverem nas atividades. (Ana Paula, 2011)

Realizar esse projeto para mim foi uma grande alegria, pois foi um projeto que envolveu não só eu e as crianças, mas pude perceber que tocamos as famílias de um modo geral. Fazendo com que elas se envolvessem a cada dia mais, participassem e tivessem conhecimento do que os filhos e filhas estavam realizando dentro da escola. (Morgana, 2011)

Após o relato de cada educadora sobre o projeto, debatemos sobre o processo de avaliação e a utilização de instrumentos de registro.

Quanto à concepção de avaliação, as educadoras relatam:

Antes de passar por esta experiência, eu trabalhava seguindo o plano de aula, anotando algumas informações e trabalhando projetos institucionais. (Elaine, 2011)

A visão que tinha da avaliação era bem restrita, não era explicado como avaliar e o pensamento que se tinha era que não precisava avaliar, pois não se reprova na educação infantil. (Maria Cecília, 2011)

Minha visão era muito restrita, pois ficava presa à observação e ao final do semestre pegava todas as observações e colocava em um relatório individual. (Ana Paula, 2011)

Sempre soube da importância que representa a avaliação na educação infantil, pois é através dela que percebemos o desenvolvimento e interesse dos nossos alunos. (Geraldina, 2011)

Antes da pesquisa, a visão que eu tinha da avaliação era de que avaliar na educação infantil significava avaliar a aprendizagem das crianças de maneira assistemática e superficial, buscando e considerando apenas se ela tinha sido capaz de cumprir o que havia sido proposto e não avaliar o

Constatamos aqui que a concepção de avaliação das educadoras era uma concepção de seleção e classificação, como colocamos no capítulo anterior, onde percebemos a questão da avaliação ainda relacionada apenas com o final do processo pedagógico e com o foco somente na criança.

Acreditamos que seja necessário um aprofundamento sobre este tema dentro da instituição, junto às educadoras, para maior conhecimento e análise da documentação legal a respeito da avaliação na Educação Infantil.

Quanto à avaliação do projeto, esta foi realizada pelas educadoras através da observação sistemática das crianças e dos registros do projeto, sendo elaborados também relatórios descritivos individuais. As educadoras relataram que este trabalho foi facilitado com o desenvolvimento dos projetos, pois a partir da visualização do processo como um todo e através dos instrumentos produzidos, elas puderam perceber de maneira mais ampla as capacidades das crianças.

Com relação aos pontos que as educadoras consideram importante avaliar, podemos destacar o interesse, a participação e o desenvolvimento das crianças na realização das atividades, respeitando sempre a singularidade de cada uma. As atitudes e as interações também apareceram como pontos a serem considerados na avaliação.

Os instrumentos de registro utilizados foram o diário de campo, o diário de aula, os relatórios, as entrevistas com as famílias e as crianças, as fotografias e os vídeos. Estes tiveram como objetivo auxiliar no desenvolvimento do processo de documentação do projeto. A maioria desta documentação foi organizada em portfólios individuais e/ou da turma.

Quanto à visão da avaliação na Educação Infantil após esta pesquisa, as educadoras disseram que:

Foi muito positivo. Tivemos várias informações e um novo olhar que só acrescentaram no profissional e no pessoal. (Elaine, 2011)

É uma prática importante, analisar o desenvolvimento infantil me ajuda a planejar de forma condizente com a realidade das crianças, proporcionando a elas uma aprendizagem prazerosa com grandes resultados. (Maria Cecília, 2011)

É um instrumento valioso de trabalho no qual consigo detectar o desenvolvimento, o interesse e a participação das crianças. (Geraldina, 2011)

Agora, vejo a avaliação como um instrumento de grande importância, tanto para mim como educadora, para enriquecer mais as aulas seguintes, mas também para tentar sanar as dificuldades encontradas por mim e pelas crianças, pois a avaliação não é só das crianças, mas também do meu trabalho. (Ana Paula, 2011)

A coordenadora Simone avaliou que, além de atingir os objetivos, este processo possibilitou as educadoras um olhar mais específico para as crianças de suas turmas, o que possibilitou uma troca maior entre estas.

As educadoras têm um potencial muito bom. Sabem observar e pesquisar o que há de melhor para partilhar com nossas crianças. Senti que as que não têm esse perfil formado, apesar de toda a dificuldade, desempenharam também o seu papel com dedicação e interesse em acertar. (Simone, 2011)

Analisando as implicações e avaliando o processo como um todo, as educadoras relataram ter vivenciado uma experiência muito produtiva. Acreditavam que seria mais difícil a utilização do registro e constataram que este facilita o trabalho delas na construção dos relatórios individuais.

Outro ponto abordado foi a devolutiva para as famílias, que não só acompanharam o desenvolvimento dos projetos como participaram do mesmo. As educadoras afirmam que muitas famílias ainda não se conscientizaram da importância de sua participação, mas acreditam que esta se dará com o tempo e com o envolvimento destas dentro da instituição. Todas demonstraram interesse e desejo de desenvolver estes e outros projetos com as outras turmas.

Foi uma experiência muito boa e positiva e fica a expectativa de novos desafios para serem superados. (Elaine, 2011)

Minha avaliação é positiva e o resultado animador, pois tudo ocorreu com muita tranquilidade, alegria e participação das crianças. Acredito ter contribuído para o desenvolvimento das crianças. (Ana Paula, 2011)

Ao final desse segundo semestre fiquei muito satisfeita com o trabalho que as professoras desenvolveram juntamente com seus alunos e familiares, todos estavam muito felizes e realizados. Espero para o ano de 2012 que todas permaneçam buscando, aperfeiçoando suas práticas para atenderem com qualidade as nossas crianças e seus familiares. (Simone, 2011)

Perguntamos para as educadoras de que forma poderiam utilizar esta experiência em sua prática profissional e todas concordam que devem estar atentas a cada criança, planejando o trabalho de forma significativa e flexível para o desenvolvimento integral da criança.

Quanto à contribuição deste processo na prática pedagógica, as educadoras relataram que o mesmo auxiliou na reflexão sobre o trabalho desenvolvido. Elas colocam a necessidade de planejar com maior consciência os objetivos a serem alcançados e a prática consciente da avaliação.

Hofmann (2000) afirma que, a avaliação é a reflexão transformada em ação, e, a partir dos relatos apresentados, podemos dizer que o processo vivenciado pelas educadoras possibilitou o estudo e uma compreensão maior da avaliação na Educação Infantil.

Através dessa experiência, percebemos o envolvimento das crianças durante todo o processo, a observação mais cuidadosa realizada pelas educadoras e a utilização de outros registros, além dos relatórios descritivos semestrais.

De acordo com o Parecer 20/09, a observação sistemática e a utilização de vários registros realizados ao longo do período são condições fundamentais para compreendermos a forma como as crianças apropriam os modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos.

Segundo Bassedas, Huguet e Solé (1999),

Quando avaliamos, não o fazemos somente em relação à evolução da criança, mas também ao nosso programa, ao nosso projeto e à nossa intervenção educativa. Desse ponto de vista, a avaliação serve para valorizar o que acontece quando colocamos em prática o programa que planejamos previamente e para verificarmos se é preciso modificar ou não determinadas atuações. Nesse caso, a avaliação está sendo utilizada para recolher informações que ajudam a melhorar as propostas que fizemos em aula. (BASSEDAS, HUGUET e SOLÉ, 1999, p.173).

Acreditamos que a partir dessa experiência na instituição, seja possível o desenvolvimento de um trabalho pedagógico e uma avaliação que priorizem a observação sistemática, crítica e criativa não só das crianças, mas também da proposta, do planejamento e da postura enquanto educadora.

#### **4. Considerações Finais**

Concluimos que é importante avaliarmos para tomar medidas, planejar novas atividades, auxiliar no crescimento das crianças, enfim, para redimensionar a prática educativa. Dessa maneira, a avaliação se torna um processo permanente de reflexão, a partir do qual é possível analisar e refletir sobre o trabalho pedagógico.

Nossa proposta era a de compreensão dos processos avaliativos na Educação Infantil dentro de uma instituição, com o objetivo de identificar a forma como esta era concebida e desenvolvida pelas educadoras. Sendo assim, a partir do estudo realizado, analisamos as propostas e instrumentos utilizados para a avaliação na instituição pesquisada e propomos como intervenção novas formas de avaliar por meio da reflexão com as educadoras sobre os processos de avaliação.

Entendemos a avaliação na Educação Infantil como um conjunto de ações que auxiliam o educador a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática as necessidades de cada criança.

Acreditamos na avaliação como parte do processo de desenvolvimento e, dessa forma, é fundamental o registro da mesma durante todo o processo. Tal registro é válido para a equipe pedagógica (educadores, coordenação, direção), mas também para as crianças e suas famílias, na medida em que as inserem no contexto educativo, a partir do conhecimento do trabalho desenvolvido e da possibilidade de participação das mesmas no percurso na Educação Infantil.

Através do relato das educadoras sobre o processo, podemos dizer que a reflexão auxiliou no entendimento da avaliação como expressão do contexto vivenciado pela criança, levando as educadoras a observação e a compreensão do dinamismo presente nesta etapa da educação.

Sabemos que a avaliação é fundamental para a realização de intervenções pedagógicas que acompanhem a ação e o pensamento da criança, mas essa dinâmica também deve ser capaz de trazer elementos de crítica e transformação para o nosso trabalho.

Percebemos o exercício das educadoras em redimensionar o trabalho pedagógico, voltando o olhar para as crianças de forma a contemplar não só suas

capacidades, mas seus interesses, sentimentos e interações. Acreditamos que tal ação influenciou diretamente na prática das mesmas e refletimos sobre a necessidade da continuidade desse processo para o desenvolvimento de um trabalho mais significativo.

Verificamos que o ato de observar e registrar foram essenciais para a realização desse exercício, bem como a utilização do portfólio como instrumento avaliativo.

Consideramos que a proposta de intervenção sobre a avaliação na instituição pesquisada nos indicou um caminho longo de estudos, reflexões e possibilidades sobre o tema e esperamos que, a partir desse trabalho, novas práticas sejam incorporadas no dia-a-dia das educadoras.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 128p

BASSEDAS, E. ; HUGUET, T.; SOLÉ, I. **Aprender e ensinar na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 357p.

BELO HORIZONTE. **Resolução CME/BH nº 01/00**, de 11 de novembro de 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. N.º 9.394, de 1996. Versão atualizada. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Volumes 1, 2 e 3. Brasília: MEC-SEF, 1998.

BRASIL. **Parecer CNE-CEB nº 20/09**.

BRASIL. **Resolução CNE-CEB nº 05/09**, de 15 de dezembro de 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 88p.

SOUZA, Claudenice Costa de. **Instrumentos avaliativos na educação infantil**. In: Avaliação na Educação Infantil. Barreiras-BA. Universidade do Estado da Bahia - UNEB, 2005. Disponível em <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/1637438>